

Método e loucura da teorização em psicanálise : a busca de figurabilidade

Thamy Ayouch

▶ **To cite this version:**

Thamy Ayouch. Método e loucura da teorização em psicanálise : a busca de figurabilidade. Revista Braseileira de Psicanalise , 2013, 47 (1) (2013), pp.83-96. halshs-01003870

HAL Id: halshs-01003870
https://shs.hal.science/halshs-01003870

Submitted on 10 Jun 2014

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Método e loucura da teorização em psicanálise: a busca de figurabilidade

Theorising Method and Madness in Psychoanalysis: a quest for figurability

Método y locura de la teorisación en psicoanálisis: la búsqueda de la figurabilidad

Thamy Ayouch[1]

(Ayouch T. (2013) :"Método e loucura da teorização em psicanálise : a busca de figurabilidade", *Revista brasileira de psicanálise,* vol 47, n°1, 2013, pp 83-96.)

Resumo

Este artigo propõe examinar o encontro, na escrita teórica, das lógicas do conhecimento e do desejo. Se a psicanálise pretende revelar o substrato pulsional de qualquer conhecimento, e as implicações metafísicas, e inclusive patológicas de qualquer teorização, como isentaria desta crítica a sua própria construção teórica? Trata-se de dar conta da postura discursiva na teoria analítica, abordando a sua crítica do conhecimento e inscrevendo a sua especificidade na enunciação. O pleno valor da enunciação surgirá através da metáfora. Numa isotopia entre cura e escrita analítica, a metáfora permitirá vincular a teorização, a ficção e a prática analítica.

Palavras-chave: Teorização, afetividade, loucura, método, discurso psicanalítico, metáfora.

[1] Thamy Ayouch é Psicanalista, Maître de Conférence (Professor Titular) na Université Lille III, e Professor Visitante Estrangeiro no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. É Doutor (Université Paris VII), Mestre em Filosofia (Université Paris XII) e em Psicopatologia (Université Paris VII), e Graduado em Filosofia (Université Paris XII), Psicologia Clínica (Université Paris VII) e Literatura Inglesa (Université Paris IV).
Tem experiência na área de Filosofia e Psicologia Clínica, com ênfase em Psicanálise, Fenomenologia, Teoria Política, Teoria do Gênero.
Endereço para correspondência: 18, Avenue du Président Hoover, 59000, Lille, França.
Endereço eletrônico: thamy.ayouch@gmail.com

Summary

This article aims to examine how the logics of knowledge and desire are intertwined in theoretical writing. Psychoanalytical critique intends to reveal the drives underlying every perspective of knowledge and the metaphysical or even psychopathological dimension of the very act of theorisation. However, does psychoanalytical theorising escape this very critique? This paper gives an account of the discourse position of psychoanalytical theory, critical of knowledge and lying in enunciation, and more explicitly in metaphor. Through a constant parallel between analytical sessions and writing, metaphor enables to bring together analytical theorisation, fiction and practice.

Key-words: theorisation, affectivity, madness, method, analytical discourse, metaphor.

Resumen

Este artículo se propone examinar el encuentro, en la escritura analítica, de las lógicas del conocimiento y del deseo. Si el psicoanálisis pretende revelar el substrato pulsional de cualquier conocimiento, y las implicaciones metafísicas y hasta patológicas de cualquier teorización, como podría exentar de esta crítica su propia construcción teórica? Se trata aquí de dar cuenta de la postura discursiva en la teoría analítica, abordando su crítica del conocimiento e inscribiendo su especificidad en la enunciación. El pleno valor de esta enunciación surgirá a través de la metáfora. En una isotopía entre la cura y la escritura analítica, la metáfora permitirá relacionar la teoría, la ficción y la practica analítica.

Palabras-clave: Teorización, afectividad, locura, método, discurso psicoanalítico, metáfora.

“Como um Swedenborg pode ser possível? ” (Valéry, 1957, p 878) perguntava Paul Valéry em seu texto sobre o cientista, teólogo e filosofo sueco. Como dar conta do fato que este autor do sistema decimal monetário ou da primeira teorização da formação nebulosa do sistema solar entrasse, aos 56 anos, numa fase spiritual na qual conversava com anjos, espíritos, Jesus, e visitava o Paraíso e o Inferno?

Filósofo, matemático, e físico, conhecido por sua teoria da gravitação, e suas leis do principio de inércia, ou de ações recíprocas, Newton realizou, paralelamente, uma exegese da Bíblia para descobrir as leis divinas secretas do Universo. No seu *Tratado sobre a apocalipse*, determinou cientificamente a data do dia do ultimo Juízo: 2060.

Mais recentemente, Fechner, conhecido por ter introduzido a medida na psicologia, numa relação matemática entre excitação e sensação, tentou, em 1825, estabelecer um vinculo entre o mundo cientifico e o mundo espiritual, escrevendo uma *Anatomia comparada dos anjos*.

Como assevera Maurizio Balsamo (2007), para estes três pensadores, o dispositivo cientifico se acompanha de uma construção louca, que não vem perturbá-lo, mais radicalizar a paixão de conhecer e teorizar. Caberia aqui reverter a fórmula de Polonius, que, perante a fúria fria de Hamlet, exclamava: “Though this be madness, yet there is method in 't” (*Hamlet* (II, ii, 206)[2] ? “Because this is method, diríamos, there is madness in it”[3].

Por ter herdado da interrogação nietzcheana do desejo à base do conhecimento, Freud instituiu a psicanálise numa posição particular no que diz respeito ao conhecimento e à teorização. Desvelando a pulsão de saber como sublimação da pulsão de domínio, a psicanálise revela o fundamento pulsional de todo conhecimento e profere uma crítica generalizada das implicações metafísicas de toda teorização. Porém, com que legitimidade os teorizadores da psicanálise podem criticar a ciência ou a filosofia, e em que medida a sua própria teorização pode se isentar desta sua critica? Em outros termos, como funciona a teorização psicanalítica, e como escapa (ou não) ao deslize pulsional que ela acusa nas outras teorias?

[2] “Embora seja pura loucura, há método nela”.
[3] “Já que isso é método, portanto há loucura nele”.s

Estas interrogações implicam tanto a clinica como a teoria psicanalítica. Para abordá-las, evocarei primeiro a posição de Freud respeito à filosofia em quanto doutrina representativa do processo de conhecimento e teorização. Tentarei, logo, analisar a postura discursiva singular da psicanálise, para finalmente abordar o valor central da metáfora na teorização analítica.

1. A crítica do saber: o paradigma da filosofia

A atitude de Freud com respeito à filosofia é ambivalente. Se ele começa por revelar à sua atração por esta disciplina (nas cartas a Silbertein (Freud, 1871-1881) ou a Fliess (Freud, 1887-1902)) ou designar as congruências entre a psicanálise e as perspectivas de Nietzsche ou Schopenhauer (Freud, 1904), ele rejeita a filosofia com vigor na correspondência com Jones ou Binswanger (Freud, 1908-1938). Os sistemas filosóficos são considerados como metafísicos: são projeções de percepções endo-psíquicas (Freud, 1908-1910), que não interrogam sobre a sua própria vontade de saber. A psicanálise, na perspectiva freudiana, pretende dirigir a atenção sobre as motivações inconscientes de toda construção filosófica, que aparece então como sintoma do filósofo.

Além disso, Freud estabelece uma aproximação entre a filosofia e certas características da psicose. Em *Totem e tabu* (Freud, 1913b), o delírio paranóico é considerado como uma "caricatura do sistema filosófico". No texto inaugural sobre o narcisismo (Freud 1914a), a filosofia é comparada às tendências paranóicas a construir sistemas especulativos. No "Inconsciente" (Freud, 1915), Freud compara o delírio esquizofrênico à filosofia no seu uso da linguagem, dando a prevalência às representações de palavras sobre as representações de coisa (Freud, 1915, pp 120-121). O texto sobre a *Weltanschauung* (Freud, 1932, pp 214-215) afirma que a filosofia conservou manifestações do animismo : ela sobre-estima a onipotência do pensamento para dar uma visão unitária do mundo, uma *Weltenschauung*. A psicanálise, no obstante, não é um sistema fechado como a filosofia mas uma ciência empírica, no enquanto a filosofia é separada da experiência (Freud, 1923, p 72).

Cabe então à psicanálise dirigir uma crítica à filosofia (Freud, 1913a): só a psicanálise dá uma "psicografia" da pessoalidade do trabalhador científico, e permite desvelar a motivação subjetiva e individual das doutrinas filosóficas que procedem supostamente de um trabalho

lógico e imparcial. Aqui, se supõe que a originalidade da experiência analítica da cura permite alcançar uma relação diferente com o conhecimento.

Porém, se a crítica da construção sistematizadora filosófica pretende identificar a afetividade ou pulsionalidade à base da teorização, esta crítica há de ser estendida à própria psicanálise. Surge aqui a questão do lugar de enunciação do discurso psicanalítico: de onde pode ser formulado um discurso criticando a motivação inconsciente à base da racionalização, e como isentar desta crítica o próprio discurso que formula a crítica ?

Trata-se de interrogar o lugar do saber. Formular um discurso de saber oculta a motivação pulsional deste saber, e revela, parafraseando Nietzsche, uma vontade de potencia. Como então o discurso crítico que aponta esta vontade de potencia evita proceder, ele mesmo, da sua própria vontade de potencia? O que legitima a psicanálise a dirigir esta crítica aos outros discursos, sem ela cair no mesmo lugar de saber? Ou seja, como o discurso psicanalítico evita ser um discurso do saber?Para tentar responder a estas perguntas, precisa-se examinar a relação da psicanálise com o saber.

2. Além do conhecimento

O conhecimento teórico

A perspectiva freudiana introduz uma verdadeira relativização do conhecimento. Por um lado, a consciência dirige sua atenção sobre a vida psíquica só secundariamente, e as primeiras informações de natureza endo-psíquica são relacionadas ao prazer-desprazer, é dizer, ao afeto. Por outro lado, o desejo de saber virado para os objetos exteriores é vinculado à curiosidade sexual e às teorias sexuais infantis (Freud, 1908). O inconsciente é irredutivelmente inconhecivel (Freud, 1915). A vida inconsciente se atesta só através de falhas e faltas da vida consciente*, mas a partir dela*.

Assim, a revolução epistemológica do método psicanalítico consiste precisamente em destituir o poder da consciência, desfazendo a equação de psíquico e consciente. A lógica prevalente no psiquismo, lógica dos processos primários que ignoram a contradição, a temporalidade, a finitude, a morte, e o principio de realidade, não pode ser apreendida pelos processos secundários. As conseqüências são radicais: há uma lógica pulsional detrás de qualquer

manifestação da razão, e esta lógica não pode ser exaustivamente esclarecida. O conhecimento se revela então depender duma pulsionalidade, que a crítica psicanalítica tenta tematizar.

Cura e conhecimento

A cura reproduz este recuso do conhecimento. A elaboração não consiste num conhecimento pleno e positivo de representações anteriormente inconscientes mais na inclusão de moções afetivas numa vida afetiva. É uma re-escritura visando, mais do que a coerência ou o resgato das representações, uma ligação afetiva.

Se isso aparece já no uso do método catártico, o objetivo da analise, ulteriormente, não consiste em tematizar os conflitos mas em reconstruir uma continuidade. Trata-se de restaurar a capacidade de agir e gozar (Freud, 1916, p 430), e permitir uma mobilidade dos investimentos psíquicos, que não se acompanha necessariamente de uma representação conhecedora destes investimentos. Na elaboração das resistências, substituindo a impulsão à lembrança por uma compulsão à repetição na transferência (Freud, 1914b), efetua-se um trabalho sobre a afetividade distinto de qualquer forma de conhecimento.

Se a perspectiva do conhecimento é descartada tanto na teoria quanto na cura, como então pode a psicanálise dar conta do seu objeto, sem ela mesmo cair nos excessos do conhecimento aqui denunciados ? A psicanálise não participa à constituição dos saberes positivos, mas funciona como a sua inversão critica, e introduz o principio de uma suspeita crítica do conhecimento psicológico. Portanto, como fazer que o discurso da psicanálise, em quanto discurso, articulando processos secundários, possa dar conta do seu objeto, sem traí-lo, nem, por outro lado, ser ininteligível?

A *talking cure* parece convocar o discurso tanto nas suas modalidades técnicas como na sua teorização, e esta dimensão discursiva, lingüística, é central na postura da teorização analítica. Tentemos então apreender esta questão de como o discurso psicanalítico evita ser um discurso de saber, sem, do outro lado, cair na inefabilidade da loucura, através de um estudo da linguagem teórica.

3. Nomeação, enunciação e discursos

Segundo Assoun (1993), Freud retomou uma nomeação da dimensão sexual do inconsciente que tinha ficado suspensa. “Segredos de alcova” dissera Breuer, “coisa genital” falara Charcot, “impotência do marido” afirmara Chrobak (Assoun, 1993, pp 87-91), representações de palavra que remitiam a um inefável, apontado pelo inconsciente psicanalítico. O objeto epistemológico da psicanálise consiste portanto nesta designação lingüística. Mas será este objeto reduzido à mera nominação? Há, obviamente, outras atestações da coisa sexual, além da sua nomeação : o discurso neurótico na *talking cure* vem apresentar uma clínica intermediada pela linguagem.

Na definição da psicanálise como busca de um objeto inacessível diretamente, onde a abordagem, o método do tratamento e o tipo de cientificidade estão fusionados[4], a teorização e o objeto teorizado surgem juntos. O objeto da psicanálise, constituído em objeto teorizado, é primeiro um objeto de discurso.

De que perspectiva discursiva se trata? A significância de um discurso, na psicanálise, não jaz nos diversos sentidos articulados pelos seus conteúdos, mas na sua origem e na sua direção: quem fala, pergunta-se, e para quem está dirigida esta fala? Interrogar, não sobre o enunciado mas sobre o lugar de enunciação do discurso é o que define a psicanálise como um discurso não sobre o conhecimento, mas sobre a verdade, como insiste Lacan (1965a). À postura de conhecimento da ciência, constituída através de um relacionamento do sujeito com o mundo, Lacan opõe a postura do.a psicanalista, introduzindo a questão do desejo e do desejo de conhecer (*libido sciendi*). Ele define, contra este objeto do conhecimento, o objeto de todo desejo, objeto a, localizável na formula do fantasma $ ◊ a (Lacan, 1965b). A psicanálise visa ser uma “ciência da verdade”, que se diz no sujeito do *Cogito*, sujeito subvertido, dividido entre enunciado e enunciação: ele pensa onde não está, e está onde não pensa (Lacan, 1957).

A psicanálise visa um outro tipo de saber, saber da repetição que o.a analisante opera na busca do gozo, saber dependendo de um “dizer”, mas que “fala só”, num “meio-dizer”, e procede do inconsciente (Lacan, 1991). O que mais importa no processo de teorização analítica é, mais do que o conteúdo do discurso, a posição desde a qual é emitido : a enunciação. Daí o interesse para Lacan em recorrer a matemas, quase esvaziados de qualquer conteúdo, para apontar a

[4] PSICANÁLISE é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica” (Freud, 1923).

especificidade do discurso analítico. Trata-se de achar uma estrutura do discurso além da palavra, que permita dar conta de vários discursos, e diferenciar deles o discurso analítico, garantindo-lhe assim uma postura enunciativa que escape à ameaça pulsional caracterizando os outros discursos.

Para explicitar quatro modelos discursivos básicos, Lacan introduz um jogo dialético entre lugares, posições e funções. Quatro significantes, o significante mestre (S1), o saber (S2), o sujeito ($) e o gozo (a), ocupam alternativamente os lugares do desejo, da verdade, do Outro e da perda.

O matema comum aos quatro discursos é:

Desejo → Outro

Verdade // Perda

Acima da barra, o desejo corresponde à posição do agente, causa eficiente, que responde à demanda do Outro. Trata-se do que o agente acredita estar fazendo. Em baixo da barra aparece a verdade no seu vínculo à perda como "plus-de-gozo": é "o que não é sabido mas é indispensável para a operação" (Lacan, 1991).

Pela sua estrutura

S1 → S2

$ // a o discurso do mestre esconde a divisão do sujeito: a sua verdade consiste nesta divisão. Ele produz, como resultado não consciente, o objeto a, mas exclui o fantasma (Lacan, 1991, p 124). A sua verdade é um saber clivado : "saber sem cabeça (…)que existe, mas ninguém compreende nada dele" (Lacan, 1991, p 102).

O discurso da universidade produz também a divisão do sujeito e a sua infeodação ao discurso do mestre, no enquanto o discurso do.a histérico.a almeja interrogar o saber e revela assim o objeto a.

É o discurso do.a analista que está encarregado de revelar a verdade do saber. Contraponto exato do discurso do mestre, ele recebe este matema:

a → $

S2 // S1 Deste modo, o discurso do.a analista coloca a questão do objetivo do saber. O seu

agente é o objeto a; ele recolhe o discurso do inconsciente, e o traduz na sua forma de "meio-dizer".

Se o.a analista não fala como o mestre, mais num "meio-dizer", cabe apontar, também, que o discurso que tenta apreender as modalidades de produção do seu próprio discurso, o discurso de teorização da psicanálise, não pode obedecer, ele também, às leis estruturais do discurso do mestre ou discurso da ciência. O sujeito do inconsciente, visado pela teorização psicanalítica, fica bem distinto do sujeito da ciência. Porém, na instituição da psicanálise como corpus teórico, não é só este sujeito do inconsciente que teoriza. Se fosse o caso, a teoria viraria forma-sentido, tradução de um discurso de oráculo caracterizando-se só pelo hermetismo. Sendo o agente do discurso do.a analista o objeto a, embora o teorizador da psicanálise tenha que se abrir a este discurso, ele o "retoma" no momento de teorizar, num movimento de organização racional. Sem isso, a transmissão da psicanálise como conteúdo teórico ficaria comprometida, ou reduzida só ao rito iniciático de uma prática independente de qualquer teoria.

Aparece de novo aqui a questão do vínculo irredutível da teorização da análise com o saber. Uma teorização que pretende dar conta do que escapa ao discurso do saber terá que desafiar todas as regras deste discurso ? Terá o discurso do.a analista que adotar a forma "incompreensível" da verdade ? Abrir-se-ia assim a possibilidade para muitos excessos esotéricos, herméticos, iniciáticos, ou meramente psitacistas, reproduzindo um discurso absconso e umas fórmulas não-entendidas por serem incompreensíveis.

Obviamente, o discurso teórico analítico não pode obedecer às leis racionais do discurso do mestre ou da universidade, e pretender ser transparente e evidente. Porém, acentuar só o "meio-dizer" conduz à mera repetição de um discurso de mestre, cuja escuridão apenas mascara seu obscurantismo.

Além disso, trata-se aqui também do uso político desta classificação dos discursos. Definir o discurso próprio como "discurso do.a psicanalista", e, portanto, os outros discursos como discursos do mestre, corresponde às vezes a uma recusa em aplicar a crítica do discurso do mestre à própria psicanálise. Um exemplo disso seria a posição de alguns psicanalistas franceses da Ecole de la Cause Freudienne, que, negando as mudanças sociais atuais nos vínculos de aliança e filiação, encontram-se numa polêmica com o dito "movimento gay" (unitariamente e indistintamente identificado por eles). Eles vem nas reivindicações das

comunidades LGBTI a aparição de um novo significante mestre, que ficaria oposto a qualquer perspectiva almejada pela psicanálise. Contudo, a designação do discurso ou da postura do outro como busca do significante mestre procede de um verdadeiro dispositivo de poder, permitindo reduzir ao silencio este discurso no nome de uma autentica posição psicanalítica. Qualificar o discurso do outro como discurso do mestre não isenta de uma leitura psicanalítica o próprio discurso psicanalítico falando aqui. Ironicamente, aqui, ao se reclamar de uma postura lacaniana de crítica do discurso do mestre, se institui o discurso lacaniano como discurso de um mestre : Jacques Lacan, Jacques-Alain Miller, ou outros gurus.

Por conseguinte, nesta busca de uma especificidade do discurso analítico, é preciso não esvaziar totalmente o conteúdo teórico e não substituí-lo só por fórmulas meramente formais. Continuemos a nossa busca, colocando, de novo, a mesma interrogação: que outra forma de linguagem pode servir ao discurso da psicanálise, evitando o duplo risco de engessá-lo como discurso da razão, ou deixá-lo sem voz, como discurso da loucura?

Precisa-se, talvez, sair da primazia ontológica da linguagem: embora a linguagem preceda e produza o inconsciente, este não se reduz à linguagem. Em outros termos, a enunciação não remete só à estrutura lingüística que a produz, e por isso precisamente, ela se distingue do enunciado. Trata-se então de implicar uma corporeidade, além da única materialidade do significante, por mais que esta corporalidade convoque um grau de imaginário, porque nunca se pode sair do imaginário. Esta corporeidade e a encarnação da linguagem aparece, a nosso ver, na metáfora.

5. A metáfora: entre teoria e loucura

A teoria recebe vários estatutos na psicanálise:

- ela apresenta uma crítica do modo de conhecimento e da pulsionalidade no fundamento do conhecimento,
- pode reivindicar um estatuto hipotético, e inclusive fictício: é a "bruxa metapsicologia" (Freud, 1915) e as suas fantasmatizações[5];

[5] "Sem especulação e teorização metapsicológica - quase disse 'fantasiar' escreve Freud -, não daremos outro passo à frente" (Freud, 1937, p 240, versão portuguesa em Freud, 1996).

- através dos escritos técnicos, a teoria psicanalítica produz um saber "pragmático", técnico, característico dos estudos de casos e da direção da cura.

Estes três níveis (crítica do conhecimento, ficção teórica e saber técnico) são vinculados de dois em dois através de uma conceição particular da metáfora.

A metáfora funciona como operador daquilo que nomeio "figurabilidade do afeto"[6]. Este é um processo fundamental, a partir do qual pode ser proposta uma releitura da sessão analítica, e, por isotopia entre a clinica e a teoria, também da teorização. A noção de "figurabilidade do afeto" articula a questão do que passa do corpo à psique, em função das estruturações psíquicas. Asseveraria que todo movimento de elaboração implica primordialmente um destino afetal[7]. Mais importante do que a idéia (*Vorstellung*), nesta passagem simbolizadora do soma à psique, o encaminhamento do afeto (*Affekt*) é central. Há vários modos de efetuar esta passagem, com diferentes destinos correlativos das idéias, desde o retorno do recalque mascarado (através de mecanismos de defesa), até o *acting out* (ainda relativamente simbolizador), ou a passagem ao ato (sem simbolização nenhuma, em organizações psíquicas não neuróticas, que não recorreram a um recalque prévio).

Não definiria esta busca de figurabilidade como representação, *Vorstellung*, mas como apresentação, *Darstellung*. A representação, herdada da ontologia clássica, é uma imagem mental que remete a uma outra realidade, no enquanto a apresentação é direta, imediatamente perceptível, sem delegação. Esta apresentação corresponde a um trabalho de figurabilidade do afeto. O modelo teórico desta busca em figurabilidade pode ser encontrado, a meu parecer, na intersubjetividade, tal como é teorizada por Merleau-Ponty e Winnicott, e no ato psíquico de *Phantasia* (nem percepção nem imaginação, mas mistura destes dois atos psíquicos). É a figurabilidade do afeto que aparece em toda elaboração, toda simbolização, ou na noção de "verdade histórica".

Entre teoria e clinica analítica, a metáfora encarna uma figurabilidade do afeto. Estritamente falando, a metáfora é um erro lingüístico: se as palavras fossem definidas com sentidos delimitados e invariáveis, a metáfora introduziria um absurdo e um sem-sentido total. Não faria sentido dizer, por exemplo, "Este rapaz é um sapo" se, além dos significados definidos

[6] Veja-se por exemplo "Ayouch T. (2012). "Genealogia da intersubjetividade e figurabilidade do afeto: Winnicott e Merleau-Ponty", *Psicologia USP*, vol 13, n°2, e "Ayouch T. (no prelo). "Merleau-Ponty e a psicanálise: da fenomenologia da afetividade à figurabilidade do afeto", *Jornal de Psicanálise*.

[7] Reservo este termo para designar o que diz respeito ao afeto, no sentido freudiano de représentante da pulsão.

de rapaz e de sapo - que em princípio não se associam -, não se encarasse a semelhança estabelecida entre eles: feiúra e possibilidade de se transformarem em príncipe. Portanto, a metáfora procede à desconstrução do sentido inicial e à reconstrução de um novo sentido: ela introduz uma ruptura sintagmática entre as unidades comparadas, mas a compensa por uma re-significação paradigmática.

Nesses versos de Eugenio de Andrade:

> Respiro o teu corpo:
>
> sabe a lua-de-água
>
> ao amanhecer,
>
> sabe a cal molhada,
>
> sabe a luz mordida,
>
> sabe a brisa nua

a ruptura de sentido literal de um corpo sabendo a lua, água, alegria da lua de mel, mas também a cal, luz e brisa, serie de incorreções lógicas, permite capturar um novo sentido. A metáfora apresenta este corpo como uma celebração amorosa onde estalam os quatro elementos da água, terra, fogo e ar, designificando este corpo para resignificá-lo gloriosamente. A metáfora aparece então como transferência do sentido de um nível para outro (μετα - φερω em grego e *trans-fers* em latim compartilham a mesma etimologia de transporte). Ela é que providencia aqui uma possibilidade de figurabilidade do afeto.

Vejamos agora como os três níveis da definição da teoria psicanalítica - crítica do conhecimento, ficção teórica e saber técnico - são vinculados de dois em dois através de uma conceição particular da metáfora.

Entre crítica do conhecimento e técnica

Entre a crítica do conhecimento e o saber pragmático, a metáfora funciona como transporte. A especificidade da escritura analítica vem da particularidade da sessão analítica: um texto analítico não se aborda só de uma forma especulativa, mas revela um nível distinto para os que passaram por uma análise. A razão disso é a reorganização afetiva movida pela análise: a cura não permite adquirir um novo saber, mas faz passar por uma serie de novos posicionamentos afetivos dando ao texto analítico outro teor. Pelo mesmo isomorfismo, a

teoria é, no outro sentido, uma prolongação do campo analítico do.a analista: é a analise que continua trabalhando.

Obviamente, não se trata aqui de uma exclusividade iniciática, pretendendo limitar o texto analítico exclusivamente aos analistas – o que aproximaria a psicanálise de um esoterismo. Porém, não se pode negar que a prática analítica, como analisante e analista, permite reorganizar um texto cujo sentido se revela num trabalho de elaboração. O texto é interpretado graças ao trabalho da análise no.a analista: a metáfora transporta aqui a evolução afetiva da cura na teorização.

Entre crítica do conhecimento e fantasmatização

Entre a crítica do conhecimento e a fantasmatização, a metáfora é o que garante a ficção contra a loucura. A teorização analítica é ligada ao conjunto de afetos do.a analista – teorizador.a – e assim procede de sua fantasmatização. Da elaboração destes afetos resulta um intercambio com o.a analisante, que se revela transferencial, e a teoria visa captar esta transferência.

Como evitar a transformação da teoria em dogma? Observemos que a teoria psicanalítica se aproxima da loucura quando chega a dois extremos - duas caras do mesmo fenômeno:

1. num engessamento dogmático, impedindo qualquer interrogação;

2. numa elucubração rapsódica. Pretendendo absurdamente expressar o movimento do inconsciente, a teoria acaba ressoando como a fala abstrusa de um oráculo.

1. No que diz respeito ao engessamento dogmático, a escrita psicanalítica não se acrescenta às outras teorias, porque não funciona como elas. Na verdade, não se pode falar de teoria formal, racional, mas antes de movimentos teóricos, operações analíticas, que parece preferível nomear método ou interpretação analítica. Portanto, toda metapsicologia fixada é uma "resistência à psicanálise". Na sua intervenção nos "Estados gerais da psicanálise", Derrida distinguiu da resistência da sociedade à psicanálise a sua resistência própria, uma "resistência auto-imune a si mesma e ao seu exterior" (Derrida, 2000).

Na teoria, a desconstrução é mais fundamental do que qualquer construção: o método psicanalítico trabalha *"per via di levare"* mais do que "*per via di porre"* (Freud, 1905b, p

13). Se a teoria constrói, é só um "andaime" que não há de ser confundido com o "prédio" (Freud, 1900, pp 455-456). Toda construção teórica fica, como repete Freud, hipotética, por ser arrimada ao valor metafórico do andaime. Ainda, mais, para evitar o dogmatismo de uma teoria engessada, Freud propõe atribuir à metapsicologia o pensamento o mais especulativo: o mito. Pensamos aqui no "mito cientifico" de *Totem e tabu*, mas também em qualquer momento da teoria das pulsões (Freud, 1932), ou, mais geralmente, na metapsicologia que aparece, em Freud, como uma cena da tragédia grega. A metáfora faz ressoar esta palavra mítica.

O mito representa um modo de atestação similar à do inconsciente : ele apresenta-se como narrativa das origens, invocação alucinatória entre oral e visual, relatório anti-realista e teatro da afetividade. A "validade" da teoria, portanto, vincula-se com a sua capacidade de oferecer uma figurabilidade do afeto do.a analista que teoriza. Se há uma irredutível dimensão afetiva e afetal detrás de qualquer busca de conhecimento, a teoria analítica é que faz questão de levar isso em conta, na sua própria teorização. Mas radicalmente, Freud insiste, em "Alem do principio de prazer", que qualquer teorização emerge necessariamente de uma "preferência pessoal" (Freud, 1920, p 109).

Contudo, cabe fazer aqui uma observação: nesta formalização freudiana, a teoria não é uma forma-sentido expressando, pelas suas confusões e escuridões, as incoerências do inconsciente. A diferença principal entre este modo de teorizar e um hermetismo pretendendo reproduzir o inconhecível do inconsciente jaz na diferença entre idéia e afeto. A analogia entre enunciado e enunciação, entre conteúdo teorizado e forma teorizadora, está no movimento do afeto, e não das idéias. A metáfora pretende precisamente captar esta analogia afetiva, e propor uma figurabilidade (apresentação, *Darstellung*) do afeto que atravessa a clinica, o objeto teorizado, e a teorização: ela não intenta dar uma representação (*Vorstellung*) cujo alvo seriam idéias e conteúdos.

A metapsicologia, portanto, re-introduz a atividade metafórica no conceito (ao contrario da metafísica clássica onde o conceito pretende ser uma anti-metáfora). A metáfora permite presentificar um sentido, sem impó-lo nem ontologizá-lo. A metáfora do bloco mágico para figurar o aparelho psíquico (Freud, 1924, pp 119-124), por exemplo, da conta da dupla capacidade de percepção renovada e retenção mnésica do aparelho psíquico. Esta metáfora não afirma que a dualidade sistema Pc-Cs e sistema mnesico **é** a dualidade da folha de papel e

do bloco de cera. Ela só coloca em perspectiva estas duas dualidades. O que vem unir o bloco mágico e o aparelho psíquico é a convicção, alias, o *afeto* do teorizador. Freud sente, afetivamente, que este modelo do bloco mágico vale para apresentar o funcionamento do aparelho psíquico, sem acreditar na sua identidade ontológica. A teoria, através da metáfora, da uma inteligibilidade do que Freud sente do aparelho psíquico, mas não o constitui. De forma mais geral, a noção mesmo de aparelho psíquico é uma metáfora: ontologizá-la seria instituir um péssimo positivismo reducionista.

Aqui, a metáfora traduz a complexidade do seu objeto (os processos primários) por uma forma-sentido afetal, afetivamente ligada à tentativa do teorizador de dar conta deste objeto. Ela serve assim a busca em figurabilidade do afeto do teorizador.

2. A segunda função da metáfora é de garantir contra o delírio de uma teoria que ficaria somente desconstruindo. J. Laplanche destacou um duplo estatuto das teorias psicanalíticas: elas articulam um nível metapsicológico com um nível de teorias infantis espontâneas (Laplanche, 1999, p 178). O nível metapsicológico contém (no duplo sentido de comportar e circunscrever) o nível das teorias infantis espontâneas. A metáfora é que permite ao nível metapsicológico auto-reflexivo de se vincular com o nível teórico-espontaneo. Ela presentifica as fantasias do nível teórico-infantil-espontaneo, dá uma figurabilidade a sua afetividade, mas não as ontologiza. Ela apresenta assim fantasias próprias ao teorizador sem impô-las como única realidade, deixando-as funcionar na sua criatividade e operatividade evocativa. O mito da horda originaria em *Totem e tabu*, por exemplo, além das pesquisas antropológicas de Freud e das teorias que convoca, dá relevo à próprias fantasias de Freud quanto ao pai morto, a sua posição na instituição analítica, e à transmissão da psicanálise. Isso não quer dizer que este mito teórico não valha na sua teorização do vinculo entre os complexos da psique e as duas proibições universais. Porém, a própria forma de mito indica que não se trata aqui de acreditar que existiu realmente um estado a-cultural de horda primitiva. A inteligibilidade do Édipo a partir deste mito é profundamente ligada às fantasmatizações de Freud, mas também àquelas que aparecem na clinica: ao escutar seus pacientes falar do pai. Considerar esta teoria como metáfora permite evitar que esta fantasia, e o nível teórico-infantil-espontaneo se substituam ao nível metapsicológico. É admitir, portanto, que nenhuma representação pontual poderia satisfazer a busca em figurabilidade do afeto do teorizador.

Na teoria analítica, haveria então um núcleo pulsional, passional, procedendo do infantil do teorizador, um *punctum caecum*, definido por P. Fedida como o "eixo narcisista" da teoria (Fedida, 1978, p 268). A teorização passa a ser assim um processo auto-erótico cancelando toda alteridade. O que permite evitar este narcisismo seria então uma dimensão intersubjetiva, garantida pela transferência. Toda a produção teórica do.a analista aparece como resultado de uma operação movida pela transferência: transferência do.a analisante formando uma teoria. Como as teorias sexuais infantis, o sonho ou o delírio, a transferência é uma teoria, em quanto escrita do mito pulsional do sujeito na cura, como se o.a analisante redigisse um texto ignorado. A transferência na cura é assim o ato a partir do qual a teoria pode ser escrita. Esta transferência, escutada a partir da (contra)transferência do.a analista, acompanha-se, para o.a analista, de uma meta-transferência, elaboração escrita da teoria numa obra cultural. A teoria analítica é então re-interpretação, pela escrita, do trabalho do.a analista. Ela há de estar sempre aberta à reorganização e à re-escritura, confrontando as certezas conceituais do.a analista à transferência (do.a analisante e do.a analista).

Acrescentemos aqui que esta intersubjetividade da teoria, garantida pela transferência, depende também da abertura da teoria à maior clinica da Historia e das mudanças sociais, mas também à freqüentação de outras disciplinas e teorias (sem as quais a psicanálise passaria a ser um discurso autístico). Estas dinâmicas transferenciais com analisantes, historia e sociedade e trans-disciplinaridade são garantidas graças à metáfora. A operação metafórica da escrita é autenticamente meta-transferencial: ela é que transporta, do divã, da sociedade e das outras disciplinas, para a escrita analítica.

Entre fantasmatização e técnica

Finalmente, os dois últimos níveis da teoria, a fantasmatização do teorizador e técnica analítica, são vinculados pelo estilo do.a analista. O mesmo estilo define a teorização e a prática analítica, e este estilo é figurado pela metáfora.

A metapsicologia participa da criatividade do.a analista, da sua capacidade de brincar, graças à metáfora. O brincar (*playing* winnicottiano, sem regras) define tanto a prática na cura quanto a escritura analítica. Ele implica a metáfora no que diz respeito à corporalidade do.a analista e à des-significação.

A corporalidade

Na cura, a presença do corpo do.a analista é garantida pela metáfora, definida como inclusão do corpo na palavra. A metáfora traduz a corporeidade do.a analista e a da palavra, além de uma petrificação meramente simbólica da linguagem (linguagem falada, não falante).

Se, numa concepção winnicottiana, a psicoterapia se situa entre duas áreas de brincar, o.a analista deve descobrir nele.a mesmo.a esta cena ou área corporal do brincar. A área corporal do.a analista acolhe o brincar com o.a analisante. Este brincar é a metáfora corporal de um ato de escritura da teoria: o gesto de brincar torna a metáfora visível. Reciprocamente, a escritura analítica, através da metáfora, tenta achar esta presença do corpo no brincar e na cura.

A des-significação

Fédida (1977) inscreve o espaço analítico numa ruptura : uma des-significação do enquadre sócio-cultural, dos seus modelos de comportamento, do seu código simbólico, dos seus paradigmas de percepção. Esta des-significação caracteriza o brincar, apagando perpetuamente o que inventa, produzindo sentido na medida em que cria a ausência.

Tanto brincar como escrever a teoria criam sentido por uma des-significação dos conteúdos de consciência. A teorização começa notando um signo diferencial, procedendo de uma des-significação operada sobre o conteúdo da observação/escuta. O que antes era insignificante começa a criar sentido através do brincar, que des-significa as significações codificadas na língua do.a analisante. A metáfora, permite esta ruptura no sentido e o transporte de um sentido para outro. Os conceitos da psicanálise traduzem a escuta do paciente por metáfora, e são produzidos na psicanálise por des-significação lexical, metafórica – “pulsão”, “prazer”, “narcisismo”, “sexualidade” não procedem do sentido habitual atribuído a estes termos. Por isso, a teoria psicanalítica nunca deve ser psicologizada. A desmetaforização da metapsicologia, a tentativa de verificá-la “cientificamente” acabaria com esta des-significação essencial ao brincar na teoria analítica.

Conclusão

O modelo teórico da psicanálise recusa toda formalização definitiva por uma dupla razão:

- as suas ferramentas conceituais são metáforas temporárias, construções hipotéticas necessárias mas nunca definitivas;
- ele questiona todo corpus teórico fechado, definitivo, sistemático. A psicanálise faria uma petição de principio se isentasse o seu próprio processo da crítica que dirige às outras teorias, e fundasse uma teoria definitiva.

A metáfora parece garantir o funcionamento da teoria analítica no vínculo que estabelece entre os três níveis da crítica do conhecimento, da fantasmatização do teorizador e da técnica analítica. Isso implica admitir a *historicidade* do discurso teorizador, quanto afetividade do.a analista em busca de figurabilidade, e discurso participando de formações discursivas, inscrito numa época. Repitamos de novo este elemento que nos parece fundamental: o funcionamento da teoria pode ser validado só pela sua intersubjetividade, garantida pela transferência, na sessão clinica, pelo contato com a historia e pelo dialogo com outras disciplinas.

Que fenômenos, na psicanálise, provocariam atualmente esta "intra-subjetivação" da transferência na teoria ? Entre vários exemplos, o fato de alguns psicanalistas se recusarem a repensar certas categorias metapsicológicas das estruturas, do gênero ou da sexualidade em função de fenômenos novos. Trata-se, aqui, de interrogar certos conceitos analíticos na sua pretensão a serem componentes intemporais do sujeito, e a instituirem o que Foucault chamava de "dispositivos de sexualidade" (Foucault, 1976). Acontece aqui uma literalização da teoria: a castração *é* perda do pênis; a diferença de sexos *é* operador real, an-historico e acultural, da psique; a homossexualidade *é* fracasso na internalização do outro sexo, fixação e regressão; a perversão *é* recuso da diferença dos sexos; o sexual-infantil *é* sexo mesmo, o transsexualismo *é* psicose. Estas afirmações caricaturais aparecem tanto na produção cientifica quanto em posições mediáticas de psicanalistas pretendendo falar em nome da psicanálise, como foi recentemente o caso na França durante o debate sobre matrimonio igualitário e adoção homoparental. Porém, pretender, em nome da teoria psicanalítica, assentar perguntas feitas por uma sociedade que reelabora as possibilidades de articulação dos vínculos entre sujeitos, é nada menos do que impor preferências pessoais pouco analisadas, e reproduzir estereótipos revestidos com uma metapsicologia eternitaria. Isso é uma posição de onipotência em nome da psicanálise, que se recusa em submeter à crítica o próprio discurso

da psicanálise. Quando a psicanálise pretende ser garante da "Lei Simbólica", a teorização se dês-metaforiza, e se impõe como dogma sistemático pretendendo reger o individuo e a comunidade.

A teoria pode, e às vezes deve virar louca, delirar, por ser vinculada à criatividade da fantasmatisação. O problema, porém, é este delírio ser ontologizado, sistematizado, e imposto como forma dominante. É da responsabilidade dos psicanalistas evitar a fascinação narcisista de uma teoria fechada a toda refutação ou a refutação sistemática de toda teoria. Loucura e método estão aqui indissociáveis, e a processo discursivo metafórico da psicanálise é o que evita passar da loucura de Hamlet à de Richard III.

Referencias

Assoun, P.-L. (1993). *Introduction à la métapsychologie freudienne*. Paris: P.U.F.

Balsamo, M. (2007). Teoria, follia, metapsicologia. *Monografie della rivista italiana di Psicoanalisi, Statuto epistemologico della psicoanalisi e metapsicologia.* Rome. pp 193-207.

Derrida, J. (2000). *Etats d'âme de la psychanalyse. Adresse aux Etats Généraux de la psychanalyse*. Paris: Galilée.

Fédida, P.(1977). *Corps du vide et espace de séance*. Paris: Jean-Pierre Delarge.

Fédida, P. (1978). *L'Absence*. Paris: Gallimard.

Freud, S. (1871-1881). *Lettres de jeunesse*. trad. C. Heim. Paris: Gallimard.

Freud, S. (1887-1902). *La Naissance de la psychanalyse.* trad. A. Berman. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1913a). "L'intérêt de la psychanalyse". In Freud, S. (1890-1920). *Résultats, idées, problèmes I.* trad. sous la direction de J. Laplanche. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1913b). *Totem et tabou*. Paris: Payot.

Freud, S. (1900). *L'Interprétation des rêves*. trad. I. Meyerson, revue par D. Berger, Paris: P.U.F.

Freud, S. (1905a). *Trois essais sur la théorie sexuelle*. trad. P. Koeppel. Paris: Gallimard.

Freud, S. (1905b). "De la psychothérapie". In Freud, S. (1904-1919). *La Technique psychanalytique*. trad. A. Berman. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1906-1908). *Les Premiers psychanalystes. Minutes (I) de la Société Psychanalytique de Vienne*. trad. N Bakman. Paris: Gallimard.

Freud, S. (1908). "Les théories sexuelles infantiles". In Freud (1907-1931). *La Vie sexuelle*, trad. Denise Berger et Jean Laplanche. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1908-1939). *Sigmund Freud, Ernest Jones, Correspondance complète.* trad. R. Andrew Paskauskas. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1908-1910). *Les Premiers psychanalystes. Minutes (II) de la Société Psychanalytique de Vienne*. trad. N Bakman. Paris: Gallimard.

Freud, S. (1908-1938). *Sigmund Freud, Ludwig Binswanger : Correspondance*, trad. R. Menahem et M. Strauss. Paris: Calmann-Lévy.

Freud, S. (1910). "A propos de la psychanalyse dite 'sauvage'". In Freud, S. (1904-1919). *La Technique psychanalytique*. trad. A. Berman. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1913a). "L'intérêt de la psychanalyse". In Freud, S. (1890-1920). *Résultats, idées, problèmes I.* trad. sous la direction de J. Laplanche. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1913b). *Totem et tabou*, trad. S. Jankélévitch. Paris : Petite Bibliothèque Payot.

Freud, S. (1914a). "Pour introduire le narcissisme". In Freud, S. (1907-1931). *La Vie sexuelle* trad. Denise Berger et Jean Laplanche. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1914b). "Remémoration, répétition, perlaboration". In Freud, S. (1904-1919). *La Technique psychanalytique*. trad. A. Berman. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1915) "L'inconscient". In Freud, S. (1915). *Métapsychologie*, trad. Jean Laplanche et J.-B. Pontalis. Paris: Gallimard.

Freud, S. (1916). "La thérapie analytique". In Freud, S. (1915-1916). *Introduction à la psychanalyse*. trad. S. Jankélévitch. Paris: Payot.

Freud, S. (1920). “Au dela du principe de plaisir”. In Freud, S. (1915-1923). *Essais de psychanalyse*. trad. sous la direction de Jean Laplanche. Paris: Payot.

Freud, S. (1923). “Psychanalyse et théorie de la libido”. In Freud, S. (1921-1938). *Résultats, idées, problèmes II*. trad. sous la direction de J. Laplanche. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1924). “Note sur le ‘bloc magique’”. In Freud, S. (1921-1938). *Résultats, idées, problèmes II*. trad. sous la direction de J. Laplanche. Paris: P.U.F.

Freud, S. (1932). “Sur une *Weltanschauung*”. In Freud, S. (1933). *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*. trad. R.-M. Zeitlin. Paris: Gallimard.

Freud, S. (1937). “Analyse avec fin, analyse sans fin”. In Freud, S. (1921-1938). *Résultats, idées, problèmes II*. trad. sous la direction de J. Laplanche. Paris: P.U.F.

Jones, E. (1969). *La Vie et l’œuvre de Sigmund Freud* . vol. 2, trad. Flournoy. Paris: PUF.

Freud, S. (1996). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Edição Eletrônica.

Laplanche, J. (1999). “La psychanalyse dans la communauté scientifique”. In *Entre séduction et inspiration, l’homme*. Paris: P.U.F.

Lacan, J. (1957). “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”. In Lacan, J. (1966). *Ecrits.* Paris: Seuil.

Lacan, J. (1965a). *Le Séminaire, livre VI, Le Désir et son interprétation.* Paris: Estenotipia.

Lacan, J.(1965b). “La Science et la vérité”. In Lacan, J. (1966). *Ecrits.* Paris: Seuil.

Lacan, J. (1991). *Le Séminaire. Livre XVII, L’Envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil.

Shakespeare W. (1587). *Hamlet*. Oxford: Oxford University Press.

Valéry, P. (1957). Swedenborg. In *Œuvres complètes* (Vol 1, pp 867-883). Paris: NRF, Bibliothèque de la Pléiade.